



## Ocupação territorial indígena histórica e pré-histórica dos Submédio e Baixo São Francisco: intersecções entre antropologia e arqueologia

**Aluno:** Kaetê Spessotto Okano / **Matrícula:** 118504

**Orientador:** Prof. Dr. José Mauricio Paiva Andion Arruti

**Instituição Sede:** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP)

Com o objetivo de produzir material em uma interface entre Antropologia e Arqueologia, esta pesquisa se debruça sobre a produção arqueológica referente ao nordeste brasileiro e sua relação com os povos indígenas da região, dentro do recorte dos Submédio e Baixo São Francisco. Pretendíamos, com isso, explorar o conhecimento sobre as ocupações humanas pré-coloniais e sua relação com os territórios nordestinos atualmente ocupados ou reivindicados por populações indígenas; além de oferecer um olhar antropológico sobre os modos pelos quais o campo de estudos da arqueologia vem se constituindo na região, com especial atenção à sua relação com os grupos indígenas e suas demandas. A pesquisa foi realizada, também, pensando na possibilidade de produzir um material de referência para futuros pesquisadores e para os próprios indígenas do Nordeste - estejam eles dentro de instituições acadêmicas ou não.

Esses objetivos se justificam de duas formas: por um lado, as disciplinas de Arqueologia e Antropologia, apesar de terem se institucionalizado dentro de um mesmo departamento nos Estados Unidos, se institucionalizam no Brasil em departamentos separados (SCHAAN, 2014:14), levando “a um enorme distanciamento entre etnólogos e arqueólogos” (SCHAAN, 2014:16). Ainda que aproximações tenham ocorrido, e a arqueologia tenha se beneficiado desse movimento - por exemplo, mudando seus paradigmas sobre a ocupação amazônica -, o inverso não ocorre. (*idem*) Entretanto, uma série de pesquisas demonstram as potencialidades dessa conexão para a antropologia mostrando, inclusive, que a produção arqueológica pode ser apropriada por comunidades locais e utilizadas em suas reivindicações políticas territoriais e identitárias (MARQUES, 2008; SILVA, 2009; POUGET, 2012)

Por outro lado, a inserção da história indígena na história do nordeste brasileiro é recente. De acordo com Arruti (1995), a invisibilidade dessas populações em relação à academia foi construída historicamente, sobretudo devido às



estratégias de conquista aplicadas no território desde a chegada dos portugueses até as ações do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em seus diferentes formatos. Essa invisibilidade é rompida, de acordo com o autor, por Carlos Estevão de Oliveira, em palestra realizada no Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano, em 1937. O antropólogo, antes de apresentar ao público os *remanescentes indígenas* que encontrara em Pernambuco, oferece como prova de presença indígena ancestral justamente uma evidência arqueológica - o Ossuário da Gruta dos Padres (Petrolândia, PE). Ainda que pouco explorada pela antropologia e pela história, a ocupação pré-colonial nordestina é amplamente estudada pela arqueologia. (MARTÍN, 1996; ETCHEVARNE, 2000 e 2002)

Metodologicamente, realizamos exploração inicial da produção arqueológica, levantamento bibliográfico e mapeamento numérico dos resultados de busca em três fontes: o banco de teses da CAPES; a plataforma da SciELO e um periódico especializado, da própria região Nordeste - a Revista Clio Arqueológica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os resultados foram tabulados em planilha contendo: autor(a); título do trabalho; link de acesso; resumo; ano de publicação; região de interesse; estado (quando possível delimitar); sítios arqueológicos tratados; universidade; orientação; grupo de pesquisa ou líder; palavras-chave; abordagem metodológica; povos indígenas relacionados; tipo de envolvimento; marcação contendo fonte pesquisada, com data e gênero do(a) autor(a). Os **tipos de envolvimento** das pesquisas com povos indígenas considerados primariamente foram **(a) objeto de interesse direto ou indireto, (b) colaboradores, (c) ambos, (d) conflitantes com o contexto da pesquisa.**

As **palavras-chaves** seguiram três eixos: **(I) Arqueologia e nordeste brasileiro; (II) Arqueologia Engajada e (III) Arqueologia e História Indígena.** Para a escolha dos termos de pesquisa, nos atentamos aos debates da área no que diz respeito à sua relação com sociedade, etnicidade, comunidades envolvidas e grupos indígenas. Considerando a ausência de unicidade na nomeação da arqueologia interessada na relação entre a disciplina e a sociedade, optamos por denominar o segundo eixo como *Arqueologia Engajada* de forma a não nos restringirmos a nenhum termo utilizado pelos trabalhos, englobando os possíveis sentidos dentro das vertentes marcadas pela preocupação primária de engajamento social. Nossa seleção segue as nomenclaturas da primeira onda de críticas à Arqueologia Pública que teria rendido, dentre outras, as classificações:



**arqueologia comunitária, arqueologia colaborativa, e arqueologia multivocal.**  
(FERREIRA, 2017:18)

No caso do terceiro eixo, foi preciso levar em conta debates e problemáticas quanto à nomeação de populações pretéritas, bem como a herança histórico-cultural na disciplina. Outra problemática levantada foi a de se considerar ou não a totalidade das pesquisas pré-históricas diretamente como referentes a povos indígenas. Devido ao grande número de publicações desse período, entretanto, optamos por utilizar palavras-chaves que apontem para alguma relação com populações atuais, ou explicitem o vínculo com a História Indígena (BUENO, 2019), recortando a área de estudos de acordo com os interesses de nossa pesquisa. Essa decisão acompanha o cuidado em evitar possíveis confusões entre etnônimos e (sub)tradições culturais. Desta forma, selecionamos os termos “**índio**”, “**indígena**” e “**etnoarqueologia**” como palavras-chave para esse eixo de pesquisa.

A pesquisa rendeu os seguintes resultados, quanto às fontes. No banco da CAPES, encontramos um total de 316 teses relacionadas às áreas de Arqueologia. Nesse contexto, o bloco (I) contabilizou 56 teses; o (II) 22 com 2 intersecções internas entre os resultados “Arqueologia Pública” e “Multivocal”; e o bloco (III), 30 (com 1 intersecção entre “indígena” e “etnoarqueologia”). Houve 2 intersecções entre os blocos II e III. No levantamento da SciELO, de um total de 239 resultados, encontramos: no bloco (I), 44 artigos; no (II), 5; e no (III), 17. Ao contrário do esperado, não houve intersecção entre os blocos. Na Revista CLIO, apresentamos os resultados do bloco III: de um total de 122 artigos, 12 se enquadravam em nossos critérios. A seguir, comentários gerais sobre os blocos e comentários específicos de leitura qualitativa realizada na CLIO, dentro do bloco (III)

Quanto ao Bloco I, temos, a partir de Lima (1993) que o Nordeste ocupou lugar de destaque nas pesquisas de Arqueologia Histórica, tanto como palco de uma das primeiras explorações do país, quanto pólo de pesquisa ao longo das décadas seguintes. De fato, encontramos resultados expressivos nesse bloco: 18,41% das publicações em arqueologia na plataforma SciELO (44 de 239) e 17,72% na CAPES (56 de 316) se referem à região, e as universidades nordestinas aparecem como grande foco de produção em nosso levantamento CAPES: três das quatro universidades produtoras de trabalhos em arqueologia são do Nordeste. São elas: a UFPE, que lidera em produtividade; a Universidade Federal do Sergipe (UFS) e Universidade Federal do Piauí (UFPI). Ao lado delas e com segunda maior



produtividade, uma instituição carioca - a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As quatro fornecem cursos superiores na área - UFPE e UFS contando também com graduação, além de mestrado e doutorado, como a UFRJ e a UFPI.

Quanto ao Bloco III, ainda que as pesquisas no Nordeste marquem esse levantamento, encontramos uma produção menos expressiva sobre a temática da história indígena, tanto para a CAPES (9,4% do total) quanto para a SciELO (7,5% do total). Como hipótese explicativa para esse cenário, elencamos a cisão entre passado e contemporaneidade indígena, manifesta na disciplina arqueológica, dentre outras formas, pelo uso do termo “pré-história”, e também para os contextos situados entre os séculos XVI e XVIII (BUENO, 2019). Sobre estes, Ana Paula Oliveira (2010), com base em Resende (2003) ressalta a impossibilidade de “...recuperar a origem étnica [de] populações [indígenas] à medida que foram tratadas, nas fontes documentais, na condição de ‘carijós’ ou ‘gentio da terra’” Desta forma, uma história indígena fundamentada nas diferentes “matrizes étnico-culturais” (RESENDE, 2003 apud OLIVEIRA, 2010:77) seria, um dos maiores motivos para “o desinteresse de historiadores em trabalhar a temática” (*idem*).

Foram contabilizadas poucas publicações engajadas com temática indígena: apenas duas intersecções no banco da CAPES; nenhuma na SciELO e nenhuma publicação engajada nos últimos dez anos da Revista CLIO. Elencamos como possíveis explicações para esse cenário uma série de fatores. Ainda que exista a noção de vertentes teóricas dentro da arqueologia, Symanski (2009) e David e Kramer (2002) apontam dificuldades na distinção dessas correntes teóricas em suas operacionalizações. Dificuldades teórico-metodológicas, juntamente à constituição das vertentes críticas a partir de influência de debates de outras ciências humanas (arqueologia, história, sociologia, geografia); em conjunto ao interesse por grupos tradicionalmente tratados pela Antropologia, pode fazer com que essas produções não se definam enquanto Arqueologia, mas como Ciências Humanas ou disciplinas correlatas - o que aponta para uma segunda etapa de busca para esta pesquisa.

Quanto à Revista CLIO, nota-se uma predominância de autoria masculina (16 de 22 pesquisadores) e da região nordeste tanto como localidade (8/12) quanto filiação institucional (6/12). As publicações se concentram na primeira metade da década e podem ser agrupadas dentro de 5 temáticas: análise material (5); território, ambiente e mobilidade (2); identidade étnica e materialidade (2); registro rupestre (1); relação nativos-colonos/contato (1) e práticas funerárias (1). Sobre a relação



com povos indígenas, todo o bloco pode ser categorizado no tipo de envolvimento a) objetos de interesse direto ou indireto das pesquisas. Ainda que alguns trabalhos tenham dado indícios de outros envolvimento, a não explicitação do tipo de contato pode demonstrar uma baixa relevância para o contexto da pesquisa ou um desinteresse em considerá-lo de maior relevância. Antes de extrapolar esse desinteresse para a Arqueologia brasileira, será necessário conferir nossas outras fontes de pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

- ARRUTI, José Maurício. (1995) **“Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional”** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 57-94.
- BUENO, Lucas. **Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quanto antigo pode ser um ‘Novo Mundo’?**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Belém, v. 14, n. 2, p. 477-496, Aug. 2019
- DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. **Teorizando a etnoarqueologia e a analogia**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 13-60, Dec. 2002
- ETCHEVARNE, Carlos. (2000) **A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa**. Revista USP. Dossiê antes de Cabral: arqueologia Brasileira – I. São Paulo: EDUSP, p.112-141.
- \_\_\_\_\_ (2002) **Ambiente e ocupação humana em uma região do Sub-Médio São Francisco**, Bahia. CLIO Arqueológica, n. 15, V. 1. Recife: EDUFPE, p.61-88.
- FERREIRA, L. (2017) Prefácio I In: OLIVEIRA, J. E. (2017) **“Revisitando uma discussão sobre arqueologia, identidade étnica e direitos territoriais dos povos indígenas no Brasil”** In: CAMPOS, J; RODRIGUES, M. FUNARI, P.P. (org) **A multivocalidade da arqueologia pública no Brasil** [recurso eletrônico] : comunidades, práticas e direito Criciúma, SC : UNESC, 2017.
- MARQUES, Juracy. (2008) **Cultura material e etnicidade dos povos indígenas do São Francisco afetados por barragens: um estudo de caso dos Tuxá de Rodelas, Bahia, Brasil**. Tese em Cultura e Sociedade. UFBA, Universidade Federal da Bahia - Salvador.
- MARTÍN, Gabriela. (1996) **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife.
- OLIVEIRA, Ana Paula. **Identidades genéricas dos grupos Macro-Jês e suas implicações para os estudos arqueológicos da Zona da Mata Mineira** (2010) in CLIO Arqueológica, n. V. 25, n2. Recife: EDUFPE, p.71-85.
- POUGET, Frederic. (2012) **“Aqui não é Ruínas quilmes, é a Cidade Sagrada Quilmes” - disputas patrimoniais em torno de um sítio arqueológico no noroeste argentino**. In: Revista de Arqueologia Pública, Campinas, 6: 54-67.
- SCHAAN, Denise. (2017) **Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia**. Anuário Antropológico [Online], II | 2014, posto online no dia 01 agosto 2017, consultado no dia 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/aa/1243> ; DOI : 10.4000/aa.1243
- SILVA, Fabiola. (2009) **Arqueologia e etnoarqueologia na Aldeia Lalima e na Terra Indígena Kayabi: reflexões sobre Arqueologia Comunitária e Gestão do Patrimônio arqueológico**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 19: 205-219, 2009
- SYMANSKI, L. (2009) Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos 20 anos In: MORALES, W; MOI, F. (Org.) **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. Editora: Annablume/Acervo pp.279-310.